

Ciberpanspermia

É melhor fazer uma peça musical que a tocar, é melhor tocar uma do que a ouvir, é melhor a ouvir que a utilizar erradamente como meio de distração, entretenimento, ou aquisição de “cultura”.

John Cage

Em 2006, no seu livro sobre o futuro *Une Brève Histoire de l’Avenir*, Jacques Attali descreve, em facto, o que já era uma realidade presente: «De uma forma geral, passaremos da compra ao acesso. A desmateralização da informação, em particular, tornará mais fácil passar da propriedade de dados para o seu uso, permitindo o acesso à cultura, à educação e à informação. O controlo

Sempre que pensamos em poder, também pensamos em dinheiro. Mas, numa sociedade *low power* praticamente deixou de existir dinheiro *real*.

Em 2005, Li Pan, investigador da *Xi'an Jiaotong University*, na China, defendia que «o dinheiro electrónico está rapidamente se tornando na moeda de uma nova era, pois o uso do dinheiro electrónico conheceu um gradual crescimento na última década. O dinheiro electrónico é visto como a segunda transformação radical da forma monetária. O dinheiro electrónico não apenas impacta essencialmente o comércio electrónico, mas também influencia, directa ou indirectamente, o presente sistema monetário e a implementação de políticas monetárias. O dinheiro electrónico desafia a tradicional política monetária do banco central. Os bancos centrais deveriam estudar seriamente o dinheiro electrónico».

Especulava-se que somente cerca de 15% do dinheiro, em todo o mundo, teria referência em

valores concretos. Todo o resto seriam números, pura abstracção, sem lastro – sendo, assim, livre para ser *redesenhado*, para qualquer tipo de manipulação.

Naquela realidade de dinheiro *invisível*, o preço de praticamente todos os produtos caiu dramaticamente como uma curva assintótica. O preço de um aparelho de televisão em 1967 era apenas 50% do preço original no início dos anos 1950, e somente cerca de 6,5% daquele preço no ano 2000. Então, ele se tornou acessível a 90% das famílias localizadas abaixo da linha de pobreza. O mesmo aconteceu com fornos microondas. Em 1967, o preço de um aparelho microondas era cerca de 38% do preço original quando o equipamento foi lançado em 1955. Em 2002, ele era apenas 15% daquele preço, sendo acessível a 73% das famílias muito pobres. O preço de um rádio no ano 2000 era apenas 6,5% do seu preço em 1962, e o preço de um computador pessoal em 2008 era menos de um terço daquele que era comum apenas dez anos antes.

Um dos traços mais evidentes, e interessantes, da sociedade *low power* e o consumo *low cost* é revelado junto às crianças.

O mundo da criança – que já incorporou a rede global de telecomunicação interactiva em *tempo real* – é um mundo de trocas de imagens, músicas e jogos, sem dinheiro, mas numa quantidade astronómica.

A aquisição de jogos, músicas, filmes, fotografias, programas de ilustração e praticamente tudo mais que pudermos imaginar, deixou de implicar qualquer esforço.

Para a realidade da antiga classe média, um brinquedo ou qualquer objecto comprado significava obrigatoriamente uma parcela do trabalho realizado – e esse *esforço de compra* fazia parte de um processo de educação: *saber dar valor às coisas*, que foi uma clássica expressão da antiga sociedade industrial.

impensável poucos anos antes.

O mesmo passou a acontecer com os hotéis, entre muitos outros serviços. A reserva de um quarto num hotel, para alugar um automóvel, para uma viagem num navio, uma excursão turística ou férias num *resort*, por exemplo, tornaram-se muito semelhantes a verdadeiros leilões.

Nas televisões, desapareceu o conceito de *horário nobre* – que orientava, como uma espécie de *ponto de fuga*, toda a programação diária. Todos os momentos passaram a identificar algum tipo de público, espalhando-se uma fragmentação de *momentos nobres* num fluxo contínuo.

Mas, ainda, o admirável mundo novo da sociedade *low power* também contou com uma crescente presença de pessoas mais velhas que são rapidamente integradas no universo do *consumo contínuo*. «O avanço na idade significava lentidão e inactividade, fidelidade às marcas e subconsumo: hoje, tornou-se um período de vida marcado pelo

na realidade sem esforço da nova sociedade *low power*.

A antiga estratégia social da classe média previa que tudo fosse verificado pelo cliente – cada indivíduo, antes de realizar a compra verificava o preço e a qualidade do produto. Procurava nunca comprar por impulso. Mas, com o *low cost* generalizado, o hábito da verificação e do *não impulso* praticamente acabou.

O consumidor passou a se mover como se designasse grandes médias estatísticas conhecendo sempre, aproximadamente, o custo geral das suas compras, mas não individualizando preços.

Em 2006, estimava-se que, em média, até 60% das compras feitas nos supermercados Franceses resultavam de impulsos irreflectidos.

Aquilo que antes designava o sentido da qualidade diferenciada praticamente deixou de existir, passando a estar confinado a pequenos

em complexos sistemas de computadores significa a ampliação do conceito de memória e uma expansão sem precedentes do processo de desmaterialização da cultura material.

Tudo se torna matéria e memória em termos *holográficos*: tudo permanentemente relacionado a tudo.

Com a nanotecnologia, o tecido que utilizamos para as nossas roupas poderá ser rapidamente transformado num sistema de informação capaz de registrar todas as flutuações orgânicas e ambientais; ou paredes dos edifícios passando a identificar a presença de tudo – dentro ou fora do edifício.

Inteligência é economia, e economia nada mais que implicidade de termos. Mas, como tudo nessa nova realidade nos reserva um amplo leque de paradoxos, o princípio da economia total acaba por estabelecer a aspiração ao controlo e regulação totais.

A realidade do universo literário, simplificando todas as relações através do alfabeto fonético formado por cerca de vinte e cinco sinais básicos, estabelecia um quadro de não contradições, coerente e estável, para o qual a aspiração máxima era o não controlo e a não regulação – como caracterizou os ideais da Revolução Francesa e da formação do Estado Americano.

Por outro lado, a metamorfose do universo digital e da sociedade *low power*, tornou todas as relações complexas através de um fabuloso sistema de amplificação e prótese de inteligência, estabelecendo um quadro de profundas contradições, incoerente e instável, para o qual a aspiração máxima passou a ser a *segurança*.

Jacques Attali apontava para o ano de 2050 uma realidade que já estava fortemente presente em 2008: «Todas as empresas, todas as nações se organizarão em torno de duas exigências: proteger e distrair» – isto é, segurança e entretenimento.

Neste sentido, os computadores pessoais tal como os conhecemos no início do século XXI – compactos concentradores de informação como pontos estabelecidos numa rede, manipulados com teclado, *mouse* e ecrã – tenderão a acabar, simplesmente desaparecer: tornar-se-ão no conteúdo de novos meios.

Se tomarmos um pequeno computador pessoal do início do século XXI e o compararmos com aquilo que era conhecido como *computador* apenas quarenta anos antes, veremos que muito pouco têm em comum. O pequeno computador pessoal poderia ser tomado como um gigantesco conjunto de antigos computadores, cuja escala alterou completamente o seu desenho funcional.

Um pequeno computador pessoal no início do século XXI era mais potente que todos os computadores da *NASA* quarenta anos antes, quando o ser humano alcançou a Lua pela primeira vez.

Mas, então, quando esse limite for alcançado, prevê-se que a nanotecnologia estabelecerá novos parâmetros de escala, acelerando ainda mais a velocidade de processamento de informação.

Essa expansão de informação levou Paul Saffo, especialista em previsões e ensaísta, a defender, nos anos 1990, que estaria se iniciando uma nova disciplina, a que chamou de *ecologia electrónica*.

Uma afirmação de Saffo, de 1991, ilustra com clareza a dinâmica gerada pelo universo virtual: «Somos olhos, ouvidos e órgãos sensoriais pendurados nos nossos computadores e nas nossas redes, pedindo a eles que observem por nós o mundo físico e que o manipule. Quanto mais conectados estiverem os computadores ao mundo físico, mais importante será o tecido de interacção».

A desmaterialização da cultura material, a efemeridade, o distante próximo – mesmo no

contexto de uma híper superficialidade tudo é *pessoal* numa sociedade *low power*.

A sociedade *low power* se articula como uma massa disforme de inúmeras classes sem clara distinção, onde a pessoa é o único valor – não como individualidade, mas enquanto dado estatístico. Para a sociedade literária, característica da antiga classe média, o valor estava na relação entre o indivíduo e a sociedade. Tratava-se de uma subtil diferença.

Para a sociedade *low power* o valor está na quantidade de aspirações que apontam para uma tendência. O valor não mais está na *relação* entre pessoas e sociedade, mas na intensidade da aspiração ao consumo.

Com a sociedade *low power*, a realidade deixou de ser a da cidade ou da aldeia global, para se tornar no planeta transformado numa *hípercidade*.

praticados em 2008 pelas companhias aéreas *low cost*, até mesmo um miserável sem abrigo podia viajar de Londres a Paris, com o produto da mendicância de apenas um ou dois dias nas ruas.

Yonghee Jung, antropóloga de *design*, Sul Coreana, realiza pesquisas para a *Nokia* nas favelas Brasileiras e bolsões de população pobre em outros países, no sentido de recolher informação que permitisse o desenvolvimento de novos telemóveis que pudessem ser mais rapidamente consumidos naqueles pobres ambientes!

Por outro lado, um relatório do *World Energy Council* de 1993 já alertava para o facto de que se os excluídos do mundo se tornassem consumidores sem que houvesse uma dramática mudança das fontes energéticas, tal significaria a falência planetária em termos de energia a curto prazo.

Em 1985, o cidadão médio Americano consumia quarenta vezes mais energia que um cidadão médio na Índia.

Em 2007, o *Cercle des Economistes* na França demonstrava que se apenas a China alcançasse o nível Europeu *per capita* de consumo de gasolina, que era cerca de quatro vezes inferior ao dos Estados Unidos, seriam necessários cinco planetas Terra para atender à procura!

Calcula-se que até 2015 cerca de 80% dos *consumidores contínuos* estarão, pela primeira vez, localizados fora dos chamados *países industrializados*.

O brilhante historiador Canadano Harold Innis, que tanto inspirou Marshall McLuhan, defendia que «a concentração sobre um meio de comunicação implica uma tendência no desenvolvimento civilizacional no sentido de uma ênfase ou no espaço e na organização política, ou no tempo e na organização religiosa». E, de facto, assim aconteceu ao longo dos últimos milhares de anos.

mais, até ao século XIX quando vários cientistas – e entre eles o genial Hermann von Helmholtz – a resgataram novamente na tentativa de explicar o surgimento da vida na Terra.

Mais tarde, os astrónomos Fred Hoyle e Chandra Wickramasinghe seriam outros importantes defensores dessa hipótese.

Nos anos 1990, René Berger proporia uma nova abordagem para o princípio da *panspermia*, desta vez em termos culturais. Segundo essa nova hipótese, sementes do conhecimento estariam espalhadas um pouco por todo o lado. Com os sistemas de redes globais de telecomunicação interactiva em *tempo real*, aquelas partículas de conhecimento seriam cada vez mais espalhadas pelo planeta.

A esse fenómeno, René Berger chamou *ciberpanspermia*.

Assim, ainda que a sociedade *low power* manifestasse uma evidente mediocrização geral, partículas do conhecimento estariam livres, numa quantidade cada vez maior e, agora, articuladas segundo um princípio de distribuição, preparando uma nova e formidável mutação humana.

Entre 1995 e 2005, apenas no Estados Unidos, a publicação de livros convencionais conheceu um aumento de 50%. De 1880 a 1980, foram publicados um milhão e trezentos mil livros nos Estados Unidos – apenas entre 1980 e 2000 esse número subiu para dois milhões.

Em vinte anos, a partir de 1980, a França aumentou o volume de publicação de livros em cerca de três vezes.

Um novo mundo que possui uma nova lógica, uma nova estética, *operando por coordenação* – ideia que tenho defendido desde 1982 com meu texto *Uma Breve História do Desenho do Tempo*.

Uma realidade do planeta transformado numa hípercidade, onde a antiga noção de território se desintegra em meio a um acelerado processo de desmaterialização da cultura material.

Um universo sensorial para o qual «o essencial não é mais dominar um território, mas sim ter acesso a uma rede», como defende Jean-Marie Ghéhenno.

Trajectoria para uma lógica do hidrogénio e do fótom, da cidade à *hípercidade*, numa metamorfose para uma civilização do *Tipo I*.

Uma nova civilização que parece ter subvertido definitivamente a afirmação de Nietzsche quando dizia, em *A Vontade do Poder*, que «o objectivo não é a felicidade, mas a sensação de poder».

Para a sociedade *low power*, felicidade é *poder*.

*A revolução planetária está aqui:
Mas há opções –
Conduzida com cabeça quente,
Revolução sangrenta –
Todos perdem;
Conduzida com cabeça fria,
Ciência design e computadores
Revolução de contabilização de riqueza –
Toda a humanidade ganha.*

Richard Buckminster Fuller

